

“Sob pretexto de fidelidade ao eterno”, continua Maritain, “o outro erro [...] consiste em permanecer presos, não ao eterno, mas a fragmentos do passado, a momentos da história, imobilizados e como embalsamados pela lembrança, e sobre os quais nos deitamos para dormir; os que assim procedem não desprezam o mundo como os santos, desprezam-no como ignorantes e presunçosos, não o pensam, recusam-no; comprometem as verdades divinas com formas moribundas: e se acontece que eles tenham melhor que os primeiros, a inteligência dos princípios que não mudam, e uma nítida visão dos erros, desvios e deficiências do momento presente, tal ciência fica estéril, incompleta e negativista, porque certa estreiteza de coração lhes impede “conhecer a obra dos homens”, e render justiça à obra de Deus, no tempo e na história” (ib., pp. 89-90).

[Excertos do artigo “O Testemunho Cristão de Ozanam em Relação à Cultura”, in *A Ordem*, Rio de Janeiro, mar.-abr. 1951, p. 119-123.]

SOBRE “O PROBLEMA DA RIQUEZA”.

(1949)

[Nota da redação da revista *A Ordem*.]

A propósito do artigo do universitário Eduardo Prado de Mendonça, “O Problema da Riqueza”, publicado no *Jornal do Brasil* de 15 de maio p.p., nosso secretário Gládstone Chaves de Melo dirigiu ao autor a carta que abaixo transcrevemos:

“Rio, 26 de maio de 1949.

Meu caro Eduardo.

Pax Christi!

Li, com a atenção que me merecia, o artigo que você teve a gentileza de me remeter, publicado no *Jornal do Brasil* de 15 deste e versando sobre o “Problema da Riqueza”.

Um comentário minucioso me levaria muito longe, levar-me-ia a escrever muito mais do que você. Quero, porém, aqui fazer algumas observações de ordem geral, com o intuito de fornecer elementos para reexame ou para completação do seu esquema.

Faço-o, porque vejo, pelo artigo, que você está empenhado no problema, que, aliás, é o problema do século. Nossos dias são caracterizados pela progressiva “maioridade” das classes populares, de tal modo que elas já não se contentam de ser as “classes menos favorecidas”, mas se vão convencendo que são “classes injustiçadas”.

Por outro lado, a Igreja, sempre vigilante, fala hoje quase obsedantemente no problema da justiça social, nos direitos do trabalho, na primazia do trabalho, na defesa dos trabalhadores. Tenho sobre a mesa o último número aqui aparecido de *La Documentation Catholique* (de 24-4-49). Pois bem: aí se acha o texto de uma carta autógrafa do Papa ao Cônego Cardijn por ocasião do 25º aniversário da fundação da JOC; uma alocução do Papa a 1.200 operários, tomando a defesa dos trabalhadores; uma carta pastoral do bispo de Parma, publicada no *Osservatore Romano* com o título “Ou a justiça social ou a guerra”, e onde o prelado cita estas palavras do P.^e Lombardi a um grupo de 500 industriais de Turim: “A idade que está para vir não será a do comunismo, mas certamente não será a sociedade dos privilegiados e dos ricos”; uma pastoral do bispo sardo de Ales, publicada na primeira página do “*Osservatore*” com o título de “Justiça para os trabalhadores”.

Como vê, é o sinal dos tempos. E, como vê, é a Igreja zelosa dos direitos dos homens do trabalho, é a Igreja denunciando injustiças, marcando posições e insuflando no mundo o espírito evangélico de carinho para com os pequenos.

O que me pareceu do seu artigo, Eduardo, - permita-me que o diga com franqueza de amigo-, é que ele está essencialmente incompleto e é um pouco simplista. Você sabe que entre “completo” e “exaustivo”, entre “simplista” e “simples” vai uma grande diferença. Você, num artigo, poderia ter tido uma visão completa, ainda que se colocasse num só ângulo - teológico, filosófico, político ou econômico.

Do ponto de vista das distinções filosóficas, seu esquema é muito sumário: rico e pobre; rico ante o rico; pobre ante o pobre. Realmente há que distinguir entre riqueza e opulência, entre pobreza e miséria. Sobre a opulência você leria, por exemplo em S. Jerônimo, que ela “é sempre o produto de um roubo cometido, quando não pelo seu possuidor atual, pelos que o precederam” (ap. Emmet John Hughes, *Ascensão e Decadência da Burguesia*, Agir, 1945, p. 28). Sobre a miséria, eu lembro que Santo Tomás diz que ela é causa tão poderosa de pecado como a opulência e te aconselho a ler as páginas imortais de Péguy, em que ele mostra com força insuperada que a miséria é o inferno na terra.

Assim, considerada a questão, surge um outro problema, para o qual você não teve olhos: a gênese da riqueza. Como pode o rico entesourar tanto? Esta indagação é incomodativa, porque você seria forçado perguntar: pode o homem, só com o fruto do trabalho, sem injustiça e sem fraude, ficar nadando em ouro? Adquirir milhões? Tornar-se uma potência econômica? E, se fosse afirmativa a resposta, levantar-se-ia uma outra questão, agora mais grave: pode o homem, nos dias de hoje, manter e acrescentar a sua riqueza sem fechar os ouvidos aos clamores dos necessitados, sem criar para si uma sólida rede de proteção, selecionando, por exemplo, suas amizades entre os de sua classe econômica, realizando o casamento de filhos e filhas entre as famílias ricas ou, na

impossibilidade, procurando converter à sua mentalidade as futuras noras ou genros, para que não venha a suceder que o matrimônio dissolva o patrimônio?

Portanto, meu caro Eduardo, reexamine acurada e objetivamente o problema da gênese e da manutenção da riqueza. E, já que você andou pesquisando textos escriturísticos, leve em consideração este que te escapou, da epístola católica de S. Tiago: “Eia, agora, vós, ricos, chorai gemendo, por causa das desgraças que sobre vós virão. As vossas riquezas apodreceram e as vossas roupas foram comidas pela traça. O vosso ouro e a vossa prata enferrujaram-se e a sua ferrugem dará testemunho contra vós e devorará a vossa carne como um fogo. Ajuntastes para vós um tesouro de ira para os últimos dias. Eis que o salário que defraudastes aos trabalhadores que ceifaram os vossos campos clama, e as suas vozes têm chegado ao Senhor dos exércitos. Tendes vivido em delícias sobre a terra, e em dissoluções tendes cevado os vossos corações para o dia da imolação”. (Tiago, V, 1-5).

Outro elemento que não pode deixar de ser levado em conta é o testemunho da tradição católica. É necessário ver o que disseram os Padres e os teólogos medievais. Se você consultar os antigos, verá que a coisa entre eles é radical. S. João Crisóstomo: “Eis a idéia que temos dos ricos e dos cúpidos: eles são na verdade como salteadores, que se postam nos caminhos e despojam os transeuntes. Transformam suas salas em cavernas, onde enterram os bens alheios” (ap. Emmet J. Hughes, op. cit., p. 28). S. Basílio Magno: “É do faminto o pão que tu guardas; do nu é a coberta que encerras na arca; do descalço, o sapato que apodrece em tua casa; dos indigentes é o dinheiro que trazes enterrado” (Homil. in illud Lucae: “Destruam”, etc., in Migne, *Patrologiae Graecae*, XXXI, 278). Para te facilitar a consulta, e na impossibilidade de citar aqui em abundância trechos significativos, aponto alguns lugares dos Padres, sempre na *Patrologia* de Migne, que você pode ler no Mosteiro de S. Bento, por exemplo: S. Cipriano, *Liber de opere et de eleemosynis*, P. L., IV, pp. 601-622; S. Ambrósio: *De Nabuthe lib. unus*, P. L., XIV, 747; S. Agostinho, in *Ps. 147*, P. L. XXXVII, 1922; S. Gregório de Nissa, *De pauperibus amandis*, P. G., XLVI, 466; S. Crisóstomo, in *ep. 1 ad Corinthios homil. 10*, c. 3, P. G., XLI, 86.

Na Idade Média a formulação dos conceitos é mais nítida, mais precisa, mais filosófica e mais bem arrumada, porém há uma mentalidade que é a condenação formal do capitalismo e do espírito de lucro. Leia tudo que escreveu Santo Tomás sobre a propriedade, sobre o supérfluo, sobre a esmola, e que vem indicado nas excelentes conferências do jesuíta Riquet, *Le Chrétien Face à l'Argent*, obra que você deveria conhecer e que deve aparecer brevemente traduzidas por iniciativa da Agir. Leia toda a questão LXXVII da *Secunda-Secundae*, que tem por título “Da fraude que se comete nas compras e vendas”. Leia o célebre sermão de Bossuet sobre “a eminente dignidade dos pobres na

Igreja de Jesus Cristo”, pregado em Paris em 1659, em que se defende a tese de que “a Igreja, em seu primeiro plano, não foi edificada senão para os pobres, que são os verdadeiros cidadãos dessa bem-aventurada cidade que a Sagrada Escritura chamou de Cidade de Deus”, e de que não é bastante assistir aos pobres para ter parte nos seus privilégios, mas é necessário, além disso, “ter para com eles grandes sentimentos de respeito”. Não me furto de transcrever um trecho desse sermão admirável, para que você veja qual é a linguagem de Bossuet: “Si tous les droits, si toutes les grâces, si tous les privilèges de l’Evangile sont aux pauvres de Jésus Christi, ô riches, que vous reste-t-il et quelle part aurez vous dans son royaume? Il ne parle de vous dans son Évangile que pour foudroyer votre orgueil: Vae vobis divitibus! Qui ne tremblerait à cette sentence? Qui ne serait saisi de frayeur? Contre cette terrible malediction, voici votre unique espérance. Il est vrai, ces privilèges sont donnés aux pauvres; mais vous pouvez les obtenir d’eux et les recevoir de leurs mains; c’est? que le Saint-Esprit vous renvoie pour obtenir les grâces du ciel” (Bossuet, *Oeuvres Choisies*, par J. Calvet, 13^e. ed., Paris, Hatier, 1941, p. 67).

Portanto, como você vê, Bossuet exige que os ricos honrem, respeitem e sejam gratos aos pobres. E eu te pergunto: é isto que se observa, ainda entre os chamados ou pretensos “bons ricos”? A regra não é o paternalismo, a superior generosidade de quem dá fazendo favor?

Outro ponto para que eu quero chamar a sua atenção é para isto: você, seguindo ao Dr. Paulo Seabra, pôs-se à cata de uma interpretação evangélica para o conceito de rico. E foi descobri-la em Marcos, X, 24: “os que confiam no dinheiro”: *confidentes in pecuniis*. Ora, é necessário que você saiba que precisamente estas palavras - no texto grego: *tous pepoithótas epi chrémasin* - tudo indica que são uma glosa. Não aparecem nos melhores testemunhos do texto e por isso exegetas e escrituristas do peso de um Swete, de um Lagrange, de um Nestle, de um Huby, de um Jouon as suprimem, o mesmo fazendo a monumental edição de Pirot, que assim traduz o verseto 24 do cap. X de S. Marcos: “Les disciples furent stupéfaits de ses propos. Mais Jésus, prenant de nouveau la parole, leur dit: Mes enfants, qu’il est difficile d’entrer dans le royaume de Dieu!” E, no que nos interessa, assim comenta o passo o notável autor: “Aceitar como autêntico o inciso os que confiam nas riquezas é atenuar singularmente a declaração do v. 23; nesse caso dificilmente se compreenderia, depois dessa atenuação, que o espanto dos discípulos se tenha tornado ainda maior no v. 26. O movimento geral do pensamento, o contexto estão pois de acordo com os manuscritos para fazer rejeitar esta glosa muito antiga que não teve outro fim senão tranquilizar certos ricos” (os grifos são meus - Louis Pirot, *La Sainte Bible*, tome IX, Paris, 1935, p. 523).

Lembro-te, ainda, meu caro Eduardo, que há no Evangelho um exemplo de “bom rico”, muito pouco imitado. É Zaqueu, que, quando soube que o Senhor vinha hospedar-se com ele, disse: “Senhor, eis que dou aos pobres a metade dos meus bens e, se lesei alguém em qualquer coisa, restituir-lhe-ei o quádruplo” (*Luc.*, XIX, 8). Ao que Jesus diz: “Hoje entrou a salvação nesta casa”. Leia os comentários de Marchal na *Bíblia de Pirot*, X; p. 224.

Por fim, permita-me dizer-te que você não foi feliz naquelas expressões relativas ao que chamou de “burguesia de transição”. As suas palavras sobre “o mesmo exército”, apenas “divididos em dois destacamentos com bandeiras diferentes”, a sua referência à “burguesia”, “caracterizada por todos aqueles que não querem passar por reacionários”, etc., tais palavras, digo, podem fazer crer aos que não te conhecem que você cai nesse primarismo de tachar de “criptocomunista” ao nosso grupo, ao seu padrinho Corção, ao Dr. Alceu, ao Carneiro, ao Lage, ao Fábio, aos nossos amigos do Mosteiro, aos nossos amigos do Convento do Leme.

Sei que você não está se referindo a nós, porque você nos frequenta, você nos lê, você nos conhece e sabe que somos nós que detestamos o comunismo com profundidade, porque o detestamos com a inteligência e com a vontade e não com as glândulas, com os nervos ou com os músculos crispados de apertar a boca do saco de dinheiro. Você não ignora que quem odeia passionalmente o comunismo não tem dificuldade de estabelecer um pacto com ele, quando possa convir num *modus vivendi*. Você sabe que nós não fazemos mais que glosar as palavras do Papa e dos grandes mestres do pensamento cristão. Você sabe da preocupação e do cuidado que temos em ser fiéis à Igreja de Cristo. Sabe, porque convive conosco.

Por isso, as suas palavras não podem ter realmente aquele infeliz sentido. Mas parecem ter e com isso você estará dando uma fugaz e triste alegria aos nossos caricaturistas sem arte.

Espero que você veja nas palavras desta carta a intenção que nelas ponho: colaborar com um amigo caro, na elucidação de um problema que lhe tem interessado.

Pedindo desculpas pela extensão, abraça-te fraternalmente seu padrinho e amigo certo in C. I.

Gládstone.”

(In *A Ordem*, Rio de Janeiro, jul.-ago. 1949, p. 78-84.)